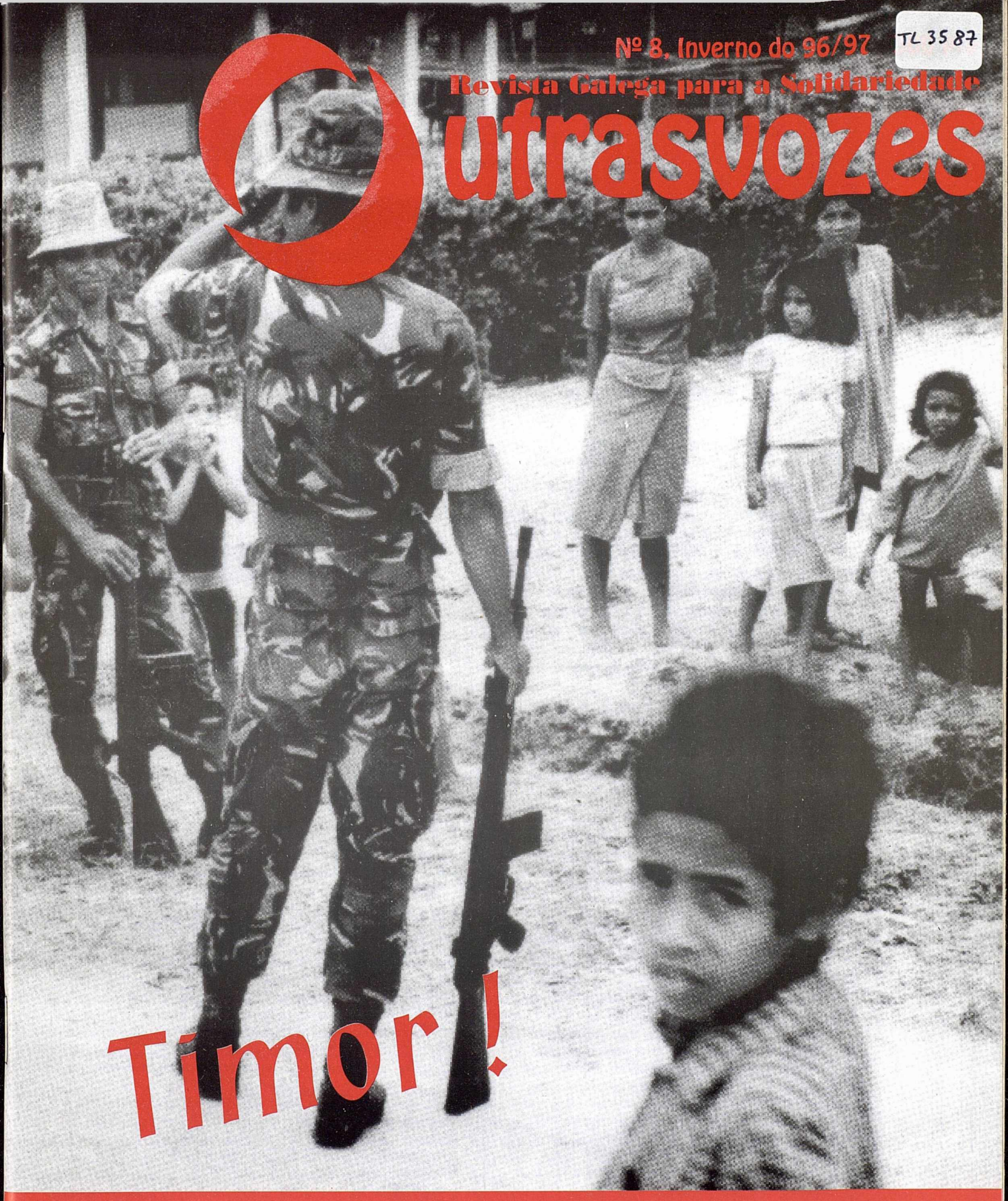
TL 3587

Nº 8, Inverno do 96/97

Revista Galega para a Solidariedade

Outrasvozes



Timor!

• A Escola das Américas • Eleizóns en Nicarágua • Entrevista ao *sub* Marcos • Noam Chomsky: as intervencións *humanitárias* • Comércio de armas e axuda ao desenvolvimento

O timorense que cumpre pena de prisão superior à da Xanana

Gregório Saldanha

Saudamos a concesión do Prémio Nóbel da Paz a dous sinalados defensores do povo de Timor Oriental, Ramos Horta e o bispo Belo, na sua luita contra o xenocídio programado do rexime indonésio. O Nóbel significa o recoñecimento paraoficial da dignidade desa luita, permite un maior eco internacional da mobilización timorense e, coñecendo a perspicácia histórica do xurado que os otorga, certa viabilidade para a causa defendida polos premiados.

A situación na Indonésia corrobora esta última apreciación, pois todo parece indicar que a sucesión do dictador Suharto xa está aberta e comezan a manifestarse, ademais dun rebulir social e político de importáncia que busca unha via distinta á continuidade, diferéncias importantes entre os grupos militares e civís soportes históricos da dictadura: abonda con indicar que agora mesmo se postulan tres xenerales en activo, outros catro retirados, dous ministros e unha das próprias fillas para suceder a Suharto. Aprestan-se á batalla porque son muitos os doces en xogo. Servan tan só como exemplo os 6000 millóns de pesetas otorgados o pasado ano polo Governo español en créditos blandos: en boa parte remataron na indústria militar e aeronáutica indonésia, desenvolvida co apoio significativo das axudas españolas, como o mostra o feito de que a maioria dos compoñentes para os avións de CASA se elaboren na IPTN daquel país.

A entrevista que segue a estas liñas tomamo-la do xornal Público do viciño país e dá a voz a quen realmente a teñen: as xentes timorenses que enfrentan os tentos indonésios de eliminá-los fisicamente e como povo.

Condenado a prisão perpétua na sequência do massacre de Santa Cruz, Gregório Saldanha conta como preenche os seus dias na cadeia javanesa de Semarang. Pede à resistência no exterior que evite as divergências e exige a participação dos timorenses nas negociaçoes diplomáticas.

Respondendo a uma pergunta que não tinha sido feita - o complicado "correio" para o interior de cadeia javanesa de semarang exigiu que as questões fossem enviadas com grande antecedência -, Gregório Saldanha manifesta o seu orgulho com o Nobel atribuído ao bispo Belo e a Ramos-Horta. A boa notícia animou-lhe a rotina da cadeia, onde as orações toman boa parte do tempo do jovem timorense cuja pena - prisão perpétua - é maior do que a do própio Xanana Gusmão.

P. - Como é o seu dia-a-dia na cadeia?

R. - Há cinco anos que estou preso, dois quias dois longe do meu povo e da minha amada pátria de Timor-Leste.

Aqui, na prisão de Semarang, éramos seis prisioneiros timorenses. Filomeno da Silva Ferreira foi libertado a 17 de Agosto. Estamos no meio de prisioneiros de delito comum, o que condiciona o nosso ambiente e convida a preocuparmo-nos com a nossa segurança física.

Desde que me encontro nesta prisão tenho preenchido os meus dias com as seguintes actividades: faço as minhas orações diárias, rezo o terço meditado, faço leitura da Bíblia em particular na minha cela. As quintas-feiras e domingos temos encontros com os grupos de assistência religiosa na capela. Nos meses de Maio e Outubro juntamonos na capela para rezar o terço. Para conservar o meu estado físico, procuro praticar exercício diariamente. Leio os livros que possuo e procuro aperfeiçoas a íngua portuguesa e inglesa e já há mais de dois meses que estudo o francês.

P. - É vítima de maus tratos?

R. - Eu não posso dizer que estamos a ser bem tratados. Os carcereiros mostram ser aparentemente bons servidores, mas por trás violam o nosso direito de contactar com os nossos amigos no estrangeiro, na Indonésia e no interior da pátria. Existe também discriminação aqui quando se trata de conceder liberdade condicional a presos indonésios e timorenses.

Recebo visitas de familiares e de outros compatriotas vindos de Timor-Leste de seis em seis meses. É muito raro receber visitas dos meus amigos indonésios dadas as dificuldades de autorização impostas pelas autoridades.

P. - Tem contacto com presos políticos indonésios?

R. - Sim, aqui encontra-se também um preso político indonésio, o sr. Pudjo Prasetyno, implicado no movimento de 30 de Setembro de 1965 e condenado a prisão perpétua. Ele conta 74 anos de idade e está em péssimas condições físicas.

P. - Como é que encara o andamento das conversações diplomáticas sobre o futuro de Timor-Leste?

R. - Eu vejo a soluçao do problema de Timor-Leste em três frentes: a luta do povo Timor-Leste em si, a luta pela democraização na Indonésia e a responsabilidade mundial, representada pela ONU.

Dou todo o meu apoio às negociações promovidas pelo secretário-geral da ONU, mas tudo isso será fútil caso não seja concedida uma opotunidade aos líderes políticos timorenses para expressarem os seus verdadeiros pensamentos sobre o futuro do seu país.

É injusto o futuro de Timor-Leste ser discutido e determinado somente pela Indonésia e por Portugal, enquanto os timorenses são condenados a ser simples espectadores e a sofrer depois as consequências.

P. - Como encara as divergências que têm surgido entre diversos líderes timorenses no exterior?

R. - De vez em quando faço algumas meditações e concluo que, caso não houvesse desentendimentos entre os timorenses vinte anos passados [sobre a invasão indonésia], não teríamos os danos graves para o povo timorense que hoje existem.

Eu sempre defendo os princípios da luta de libertaçao promulgados pelo líder nacional Xanana Gusmão. Não concordo com a formação de quaisquer grupos que, movidos por certos interesses, ameaçam arruinar o edifício da nossa unidade.

Eu vejo que a desvinculção do dr. Abílio Araújo [promotor da chamada "reconciliação" e por isso expulso da Fretilin] da direcção da luta representada pelo conselho Nacional da Restitência Maubere [a organização liderada no exterior por Ramos-Hortas] só vem conceder vantagensao ao Governo ocupante.

Eu não posso dizer que estamos a ser bem tratados. Os carcereiros mostram ser aparentemente bons servidores, mas por trás violam o nosso direito de contactar com os nossos amigos no estrangeiro, na Indonésia e no interior da pátria. Existe também discriminação aqui quando se trata de conceder liberdade condicional a presos indonésios e timorenses.

P. - Depois da comutação da pena de Xanana Gusmão, de prisão perpétua para vinte anos, você, que também foi condenado a prisão perpétua, é neste momento preso político timorense com a maior pena. Como é que se sente a cumprir um castigo superior ao do própio Xanana?

R. - Foi um acto de covardia a condenação a prisão perpétua, pelo tribunal fantoche da Indonésia, de um fraco timorense como eu. Apesar disso, sinto alívio recordando os meus queridos compatriotas barbaramente assassinados sem oportunidade de se defenderem, nem mesmo através de um processo jurídico fantoche.

Do meu ponto de vista, a Indonésia espera, com a minha condenação, matar o ânimo e a bravura do povo timorense -e especialmente da camada juvenil- e fazer-me pedir clemência ao Presidente da Indonésia.

Eu penso que a minha luta é uma luta pela verdade. Pedir clemência seria não só negar a verdade em geral, porque a verdade é universal. Ela não pertence só o nosso povo, mas à humanidade em geral, inclusive ao povo indonésio.

Vejo que a redução da pena do nosso líder nacional Xanana Gusmão se explica desta forma: enquanto eu e outros companheiros tínhamos os nossos advogados do YLBHI [organização indonésia de apoio jurídico e defensa dos direitos humanos], ao nosso irmão mais velho Xanana foi imposto um advogado indicado pelo Governo indonésio.

Com a redução da pena do nosso comandante-em-chefe, tentava o Governo da Indonésia enfraquecer o carisma do líder máximo da resistência nacional, alegando perante o mundo que ele pediu clemência ao Presidente Suharto.

P. - De que sente mais falta em Semarang?

R. - Do que sinto mais falta é do calor fraternal do meu povo e dos meus irmãos mais novos e de contemplar a bela paisagem da minha pátria.

Aproveito esta oportunidade para, através das páginas do PÚBLICO, manifestar o nosso orgulho e a nossa grande satisfaçao pela atribuição do Prémio Nobel da Paz a dois ilustres filhos de Timor-Leste, o nosso mui digno bispo D. Carlos Felipe Ximenes Belo e o nosso representante especial do CNRM, dr. José Ramos-Horta. ❑

PÚBLICO, 12 de Novembro de 1996